

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

A REPRESENTAÇÃO DAS FAVELAS NO MAPEAMENTO E INFORMAÇÃO DO TURISMO NO RIO DE JANEIRO

SESSÃO TEMÁTICA: TURISMO EM FAVELAS: NOVAS POSSIBILIDADES DE
RELAÇÕES URBANAS, SOCIAIS E AMBIENTAIS

Núbia França de Oliveira Nemezio
Universidade Federal do Rio de Janeiro
nubia@arqmedes.com.br

Fernanda Gomes de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
oliveiragfernanda@gmail.com

A REPRESENTAÇÃO DAS FAVELAS NO MAPEAMENTO E INFORMAÇÃO DO TURISMO NO RIO DE JANEIRO

RESUMO

Para Antoine Picon “mapear uma cidade vai além de fazer uma representação da mesma, é dar-lhe sentido” (Picon, 2010, p.191). O presente trabalho discute os significados da exclusão das favelas nos sistemas de informação, nas representações cartográficas oficiais da cidade do Rio de Janeiro e naquelas destinadas ao turismo. Discute-se sua relação com três importantes fatores: a imagem da cidade, a economia de mercado e ainda com o acesso aos direitos urbanísticos daquela população, uma vez que a ausência das favelas nos mapas oficiais é bastante questionada em seu sentido social (Maricato, 2013). A subjetividade das representações da cidade bem como os significados sociais de “estar no mapa”, são discutidos aqui através dos mapas oficiais e guias turísticos da cidade do Rio de Janeiro e a interpretação de seu conteúdo no que diz respeito ao espaço das favelas, porções expressivas da cidade e que têm sido objeto de interesse de turistas de todo o mundo (Freire-Medeiros, 2009). Investigando como as favelas são representadas pelo órgão de promoção oficial do turismo da cidade, os projetos recentes da Prefeitura e as iniciativas populares de mapeamento e informação, este trabalho visa contribuir para a discussão em torno da importância e dos significados da visibilidade e representação das favelas nos mapas da cidade. A pesquisa revelou a importância de iniciativas populares para a recente mudança nesse quadro, a necessidade do envolvimento da população residente nessas áreas para a construção das informações mapeadas e expressou ainda a relação entre o interesse pelo mapeamento e divulgação dessas áreas e o interesse direto do mercado.

Palavras-chave: Favela. Mapas urbanos. Turismo.

REPRESENTATION OF SLUMS IN MAPPING AND TOURIST INFORMATION IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

For Antoine Picon "map a city goes beyond making it a representation , but to give it a meaning" (Picon, 2010, p.191). This paper discusses the meanings of the slums omission in the cities information systems, at the official cartographical representations of Rio de Janeiro and also those of tourist interests. Is dicusses its connexion to three importante subjects : the city's "image", the market economy and theaccess to urban rights, once the absence of slums in official maps is also questioned in its social sense (Maricato, 2013). The subjectivity of city representation as well as the social meanings of "being mapped" are discussed here through the maps and tour guides of the city of Rio de Janeiro and how they consider slum areas, significant portions of the city, subject of interest for tourists from around the world (Freire-Medeiros, 2009). It was studied how the slums are shown in official tourist agency maps and guides, official and popular initiatives of slums mapping. This work aims to contribute to the discussion about the importance and meaning of visibility and representation of slums on city maps. The research has shown the importance of popular initiatives for the recent change in this actuality and the need for the involvement of local agents to research and map information. It also expressed the relationship between interest in mapping and dissemination of these areas and the direct interest of the market.

Keywords: Slum. City maps. Tourism.

1. INTRODUÇÃO

Mapear uma cidade vai além de fazer uma representação da mesma, é dar-lhe sentido. O mapa de uma cidade não é uma representação do que ela é, mas, de maneira implícita ou não, é a representação do que é importante para quem a produz (...). (PICON, 2010, p.191, tradução do autor).

Como define Picon (2010:191) os mapas urbanos dão sentido à cidade que se vê, pelo filtro de seu autor, e demonstram àquelas características que lhes são importantes, que melhor lhes representa. Essa subjetividade da representação da cidade do Rio de Janeiro revelada muitas vezes na ausência da representação de porções expressivas da cidade, como no caso das favelas, é discutida sob o ponto de vista de suas implicações sociais e culturais.

Este trabalho tem origem na união de duas pesquisas distintas, cada uma com ênfase na formação de suas autoras: a arquitetura e urbanismo e o turismo. A ausência das favelas sentida tantos nos mapas de intenção turística como daqueles de representação oficial da cidade suscitou algumas questões: a possível falta de informação sistematizada sobre esses locais ou até mesmo, como indicam algumas publicações, pela ação intencional de mascarar as contradições e a diversidade da cidade mesmo diante do crescente interesse pelo turismo em favelas.

Diante do exposto objetiva-se, num primeiro momento, discutir os significados dessa ausência nas representações cartográficas percebidas dentro e fora do âmbito turístico. Em seguida, apresenta-se uma pesquisa sobre os recentes avanços na representação dos mapas das favelas na cidade, dentro do contexto das duas disciplinas e discute-se como a motivação do turismo em favelas, bem como o interesse de mercado, têm motivado o aprimoramento das informações sobre esses locais.

Como metodologia de pesquisa, foram levantadas as iniciativas de mapeamento e informação de favelas realizadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, através do Instituto Pereira Passos, bem como importantes iniciativas populares que propõe a inclusão desses territórios em cartografia. São analisados os mapas e guias turísticos atuais fornecidos nos principais centros de atendimento ao turista da cidade, bem como a página digital oficial do Rio de Janeiro no Brasil e no exterior: o visit.rio, no intuito de verificar como se dá o tratamento das favelas nos mesmos e, ainda, em que medida o interesse turístico contribui para geração de novas informações sobre elas. Por um lado procurando discutir a dicotomia entre os benefícios que atividade pode oferecer às comunidades e, por outro lado, a intensificação das diferenças.

2. A DISTINÇÃO FAVELA-CIDADE NOS MAPAS URBANOS

A ausência das favelas na representação dos mapas da cidade do Rio de Janeiro há muito é questionada e analisada sob diferentes aspectos: sociais, técnicos e políticos. Como afirma Maricato (MARICATO, 2013, p.152), os esforços para perceber as favelas como parte integrante da cidade, ainda são ignorados pelo urbanismo oficial e pela sociedade brasileira. A ausência da gigantesca ocupação ilegal do solo urbano ignorada na representação da cidade oficial representa o comprometimento do urbanismo brasileiro com uma ordem que diz respeito a apenas uma parte da cidade, reafirmando e reproduzindo desigualdades e privilégios.

Na visão da autora, para a cidade ilegal não há planos nem ordem, não sendo conhecida em suas características e dimensões, uma ilegalidade funcional do ponto de vista das políticas arcaicas, do mercado imobiliário especulativo e para a própria flexibilidade da lei. Não cabendo nas categorias do planejamento modernista/ funcionalista e ao mesmo tempo, no contexto do mercado imobiliário formal, que corresponde ao urbanismo moderno: “Esses espaços urbanos não cabem sequer, rigorosamente, nos procedimentos elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, a maior agência de pesquisas de dados do país” (MARICATO, 2013, p.122).

E, por incrível que pareça, os órgãos municipais de aprovação de projetos, as equipes de urbanistas dos governos municipais e o próprio controle urbanístico (serviço público de emissão de alvarás e habite-se de construções), frequentemente desconhecem esse universo. Mesmo nas representações cartográficas é de hábito sua ausência. (MARICATO, 2013, p.122).

Segundo Valladares (2005), a diferenciação entre o espaço formal-informal da cidade resulta na interpretação da favela como uma unidade, que ignora sua relação intencional com a cidade em que se insere e ainda sua própria diversidade e heterogeneidade. A autora explica que a visão simplista da favela como “locus da pobreza”, faz dela campo de estudo para todos os fenômenos ligados a essa condição: violência, saúde, religião, entre tantos outros, ocorrendo uma associação físico-territorial diretamente relacionada ao seu tecido social, afirmando uma “unidade da favela” no campo político ou na análise científica, construindo um campo aberto para que esta unidade justifique uma série de ausências e especificidades de ações por parte do governo.

O complexo de favelas da Maré, por exemplo, mesmo depois de ser reconhecido como bairro em 1994 a partir do rearranjo dos limites dos bairros de Olaria, Bonsucesso, Ramos e Mangueiras ainda convive com os reflexos dessa dicotomia cidade-favela. Na prática, os

moradores ainda não possuem acesso aos mesmos serviços e direitos dos bairros vizinhos e parte dessa depreciação passa pelo não reconhecimento de sua realidade física e social bastante diversa dentre suas 17 comunidades integrantes:

A Maré foi reconhecida oficialmente como bairro desde aquela década. O fato não significou grande coisa, pois os moradores locais e do conjunto da cidade continuaram a perceber o território como favela. De qualquer forma, foi inegável o investimento seletivo feito pelo poder estatal na região, expresso na construção de equipamentos educacionais, de saúde e esportivos. O mesmo, infelizmente, não pode ser dito na área de segurança pública, pois os moradores ainda não são reconhecidos como sujeito de direitos nesse campo. Do mesmo modo, o mesmo não pode ser dito sobre a qualidade desses serviços, marcados pela precariedade dos materiais e de sua manutenção (Guia de Ruas Maré 2014, 2014, p.10).

Em busca de seu reconhecimento, foi realizado o primeiro Censo Maré em 2014 por iniciativa da instituição Redes da Maré e do Observatório de Favelas com o apoio das associações de moradores do bairro e algumas organizações (Fundação Ford, Instituto Pereira Passos e Action Aid). O censo teve como objetivo fazer um diagnóstico da realidade social, econômica e cultural do bairro, entendendo a origem geográfica dos moradores, a composição familiar, formação étnica, condições de habitação, saúde, identificar práticas religiosas, situações de violência, organização social do território, entre outros dados.

O que se destaca aqui é que este reconhecimento passa também pela necessidade de incluir um território há muito oficializado na cartografia oficial. O projeto realizou um levantamento de todas as ruas do bairro com nome e localização, uma atualização da base cartográfica do bairro feita por um profissional de cartografia com o objetivo de oficializar todas as ruas da Maré. A sistematização dos dados foi entregue ao Instituto Pereira Passos para que fosse incluído na cartografia oficial da cidade.

Este trabalho originou o Guia de Ruas Maré 2014, onde estão listados os nomes dos logradouros e seu Código de Endereçamento Postal. Os autores do projeto acreditam que este instrumento facilitará a reivindicação junto à prefeitura da formalização das ruas que ainda não possuem endereçamento postal e de maneira geral, fortalecer os processos de reconhecimento do território, sua cultura, suas demandas e pluralidades junto à cidade em que se insere. As pessoas que residem em logradouros sem nome, mesmo em áreas reconhecidas juridicamente pela municipalidade não tem sequer endereço e por isso têm

dificuldades de obter acesso aos serviços públicos (como o recebimento de correspondências) e de manutenção dos mesmos.

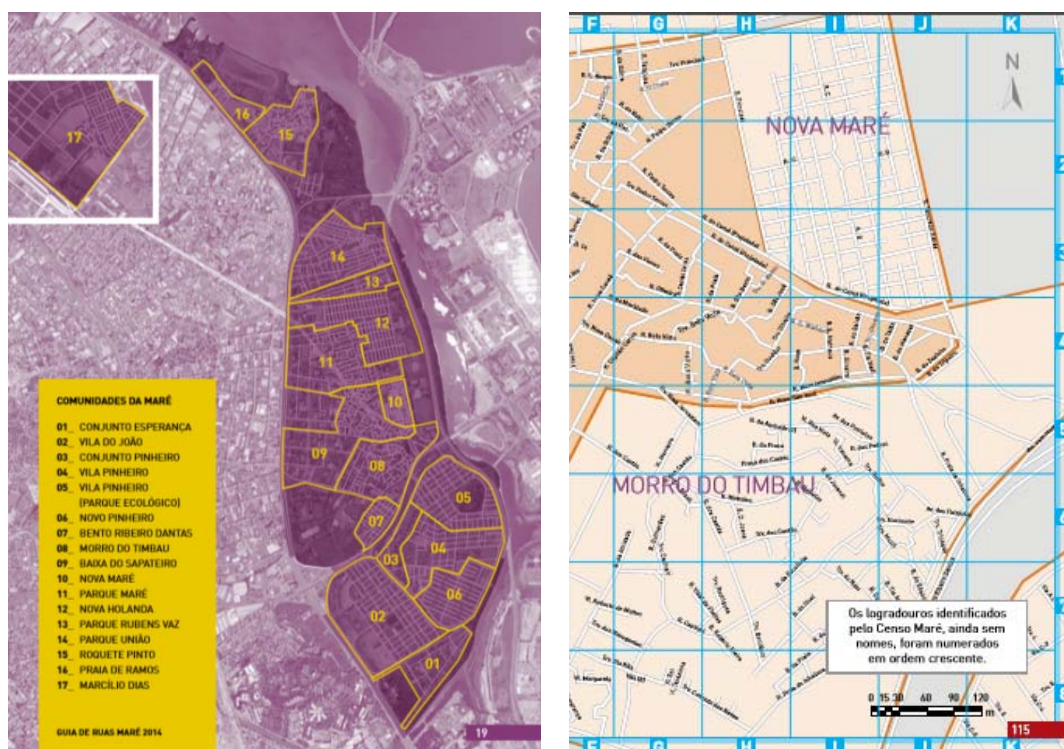


Figura 1 – Mapa da favela da Maré. Fonte: Guia de Ruas Maré 2014, 2014, p. 115.

O Guia apresenta uma importante reflexão sobre o significado social de “estar no mapa”, e sobre a existência de um “perverso senso comum que reduz as favelas à condição de territórios precários, ilegais, inacabados, desordenados e inseguros: o avesso da cidade” (Valladares, 2005). Os autores do guia entendem que, não fazendo parte da cartografia ficam ignoradas as desigualdades sociais da “cidade maravilhosa”, dificultando o reconhecimento de seus direitos, levando ao desconhecimento e sobre seus modos de vida.

Aparecer no mapa é significar a existência de um lugar habitado por pessoas e suas vidas. É grafar (marcar) o solo em que vivemos. É, portanto, ver onde estamos e onde estão outras pessoas, ruas, praças, rodovias, hospitais, fábricas, portos, rios, montanhas [...] e mais tanta coisa do mundo que se faz aparecer nas artes de cartografar: de fazer presente o que é próximo e o que está distante. Portanto, o cartografado é o escrito, ou melhor, é o tornado visível. O ofício do cartógrafo é fazer uma escrita do espaço habitado e, com sua arte de figuração, fazer o desconhecido ser conhecido e, sobretudo, reconhecido com integrante do mundo da vida (Guia de Ruas Maré 2014, 2014, p.13).

O documentário *Todo mapa tem um discurso* da Rede Jovem do Rio de Janeiro¹ apresenta outras experiências dessa natureza, que discutem na visão de moradores, pesquisadores e colaboradores locais os significados da exclusão das favelas nas cidades nos sistemas de informação, nas representações cartográficas oficiais da cidade e no acesso a uma série de serviços em comparação com outros bairros e locais da cidade. O filme mostra depoimentos pessoais de moradores do Complexo do Alemão, Maré, Rocinha, Cidade de Deus, Santa Marta, Morro Agudo e Complexo da Penha no Rio de Janeiro e Capão Redondo em São Paulo. Michel da Silva, jornalista comunitário e morador da Rocinha questiona:

Aqui na Rocinha tem outro caso, na Rocinha a gente é considerado um bairro desde 1993, só que quando você olha no Google não tem nenhuma rua, no caso registrada, só aquelas ruas lá da entrada. Não tem a rua, a Rua do Laboriaux, não tem a Rua da Caxopa, são ruas tradicionais que todo mundo conhece. A Rocinha é conhecida internacionalmente e não tem nada no Google? (SILVA, informação verbal. Todo Mapa tem um discurso, 2014).

O filme cita ainda o fato de que a prefeitura chegou a remover do aplicativo Google Maps as favelas do mapa da cidade. Em abril de 2013, o site do Comitê popular Rio denunciou a remoção virtual do mapa das favelas, que teria ocorrido a pedido da prefeitura. O Comitê entendeu que a atitude se tratava de uma tentativa de “invisibilizar a pobreza e os pobres, tanto em ambientes virtuais como na realidade, com as remoções forçadas” (COMITE POPULAR RIO, 2013). Segundo a notícia, a palavra “favela” foi praticamente excluída do mapa e substituída por “morro” sendo retiradas as legendas de algumas comunidades.

No mesmo mês, o jornal O Estadão (em 8 de abril de 2013) publicou sobre a supressão do termo “favela” do mapa digital e divulgou tratar-se de um pedido da Prefeitura do Rio por meio da Riotur. O jornal citou ainda uma polêmica ocorrida em 2009, quando foi solicitada oficialmente ao Google a inclusão de pontos turísticos e a diferenciação de favelas e bairros. O Comitê Popular publicou uma imagem do Google mostrando a comparação na região do Rio Comprido em 2011 e 2013, já sem informações no mapa, como se pode ver nas imagens a seguir:

¹ O Programa Rede Jovem atuou nas periferias das áreas metropolitanas, oferecendo à juventude de baixa renda oportunidades de interação com as novas tecnologias. Foi responsável pela implantação e animação dos Espaços Jovem – centros de acesso à Internet, ambientes de troca e solução coletiva de problemas comuns à juventude. O programa foi idealizado por Ruth Cardoso, criado em 2000 e encerrou as atividades em 2015.

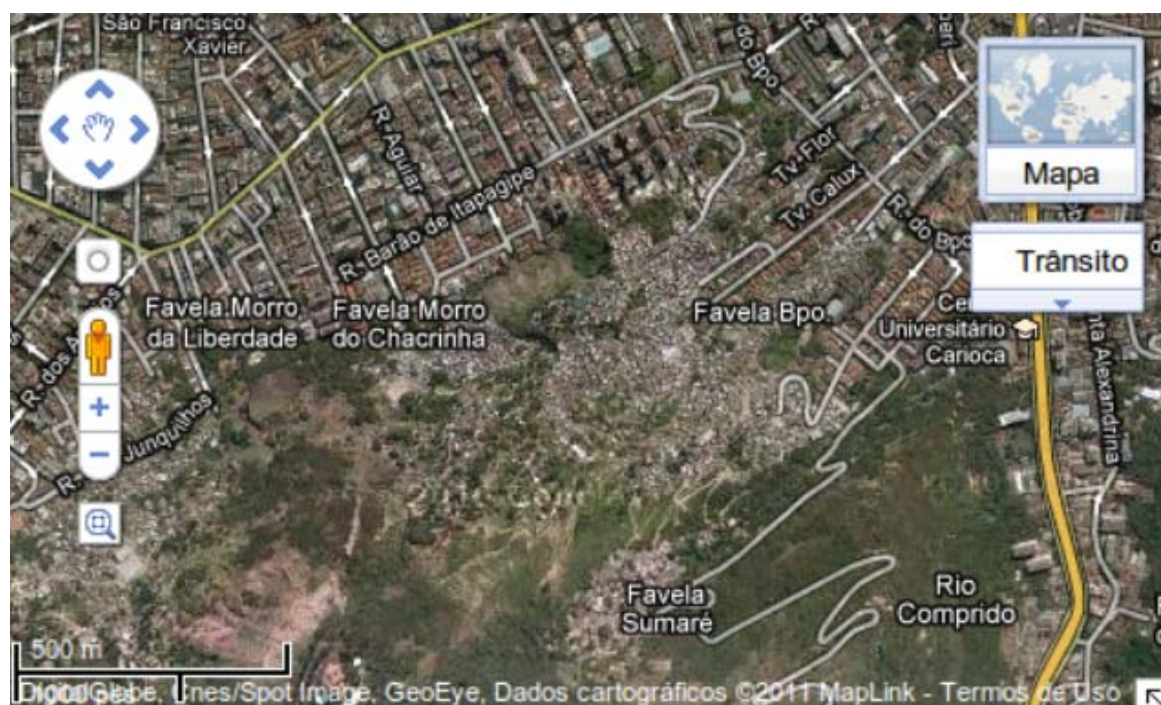


Figura 2 - Mapa da Região do Rio Comprido em 2011 e 2013, já sem a denominação das favelas da área. Fonte: O Estadão, 2013.

Se a ausência do reconhecimento desses espaços no âmbito da cartografia oficial dificulta o acesso de seus moradores aos direitos urbanos, a falta de informação sistematizada pelos órgãos oficiais dificulta ainda o planejamento de ações para a melhoria deles, uma vez que se desconhecem suas demandas e suas principais dificuldades ou potencialidades. A manutenção da situação de informalidade, como explica Maricato muitas vezes interessa ao

poder público, que descumpra sua obrigação para com os seus cuidados. Sua ausência nos mapas de aplicativos e sites de grande visitação sobre a cidade como o Google Earth podem revelar ainda, por outro lado, o desejo de mascarar as desigualdades sociais em nossas cidades e tratar esse espaço como “diferente”. A partir do explicitado, o apartado seguinte visa problematizar a relação existente entre o turismo e a representação das favelas no Rio de Janeiro.

3. O TURISMO E A REPRESENTAÇÃO DAS FAVELAS CARIOCAS

É sabido que o fortalecimento da visão do exótico, da pobreza, do “diferente”, tem fortalecido ainda mais a relação desses espaços com a economia de mercado, entre outros fatores, a descoberta da favela pelo turismo profissional é um sinal da integração desses espaços à modernidade e à economia de mercado, como explica Valladares:

A rocinha é visitada por cerca de 2 mil turistas/mês. (...). As iniciativas [comerciais] se multiplicam e a lista poderia se estender bastante. O fato é que as favelas não podem ser reduzidas, simplesmente, ao habitat da população pobre do Rio de Janeiro. Tornaram-se também um grande mercado, sendo para alguns dos seus atores sociais, sinônimo de “negócio”. O solo e as moradias estão entre os primeiros bens que dão lugar ao forte desenvolvimento de uma atividade de produção e comércio. (2005:156).

Segundo estudos de Freire-Medeiros (2009), o turismo em favelas no Rio de Janeiro tem início a partir da Eco-92. Este desenvolvimento primeiramente acontece na Rocinha e, posteriormente, vai se expandindo para outras favelas cariocas. O fenômeno está atrelado ao crescimento da popularidade dos chamados *reality tours*² e do consumo, em nível global, da favela como uma marca que “condensa predicados contraditórios” (Freire-Medeiros, 2007, p.64).

A popularização da “favela turística”, desde a década de 1990, provocou e provoca diversos debates sobre a comercialização destes espaços. Se por um lado questiona-se a ética da pobreza como mercadoria, por outro lado, o turismo aparece como uma oportunidade de gerar renda às comunidades.

Esta questão também suscita um outro debate importante: quem protagoniza o processo de venda e consumo da favela como destino turístico. Há bastante crítica em relação aos

² Segundo Freire-Medeiros (2006), termo em inglês que representa a experiência do autêntico, do exótico e do risco em um único lugar.

agentes externos, os quais não possuem relação com o espaço. Em contrapartida, o turismo em favelas pode ser considerado um vetor de desenvolvimento local e gerar benefícios financeiros quando detentor da própria comunidade.

Outra questão interessante nesta discussão é a visitação, por parte dos turistas, do “outro” Rio de Janeiro, além do centro e da zona sul da cidade, e dos tradicionais cartões postais como Corcovado e Pão de Açúcar. A favela, neste sentido, representa o contraste em relação aos locais tradicionalmente turísticos da cidade.

Contudo, apesar do crescimento do turismo nas favelas, a ausência de sua representação também é sentida nos mapas dessa orientação. Historicamente, as favelas não são representadas nos mapas turísticos oficiais da cidade.

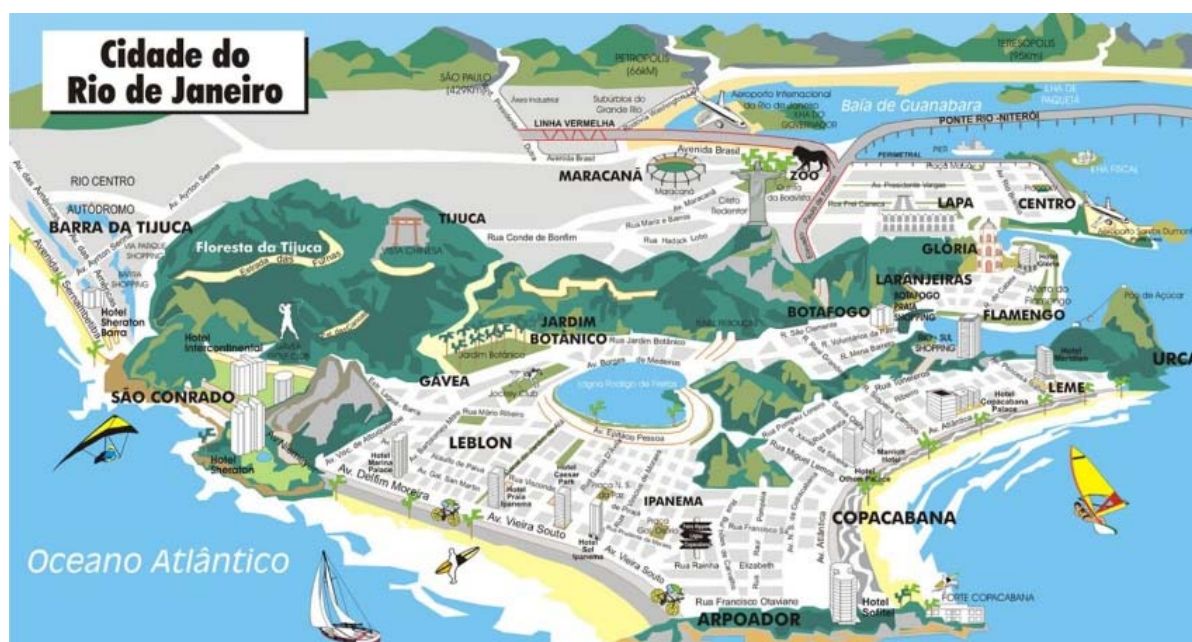


Figura 3 - Mapa Turístico da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: <http://mapasblog.blogspot.com.br>, 2015.

No mapa turístico oficial atual da Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro (RIOTUR), as favelas são representadas por grandes áreas verdes e apresentadas como morros. O mapa contempla basicamente o centro da cidade, a zona sul e parte da zona norte, onde se encontra o estádio do Maracanã. De maneira geral, o mapa sinaliza atrativos históricos, culturais e de lazer, como, por exemplo, museus, centros culturais, igrejas e praias. Os únicos atrativos das favelas sinalizados são os mirantes, como o mirante Dona Marta, localizado na favela Santa Marta. Os mirantes seriam os locais de maior “interesse” turístico, ao menos os mais enaltecidos pelas propagandas dos *tours* em favelas, por suas

vistas privilegiadas da cidade.



Figura 4 – Mapa turístico oficial da Cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Riotur, 2016.

No material impresso da Riotur, as favelas aparecem em um apartado específico, os “Tours Especiais”. Nesta parte, são divulgados passeios de agências de viagens externas, e aqueles desenvolvimentos pelas comunidades. Em algumas edições do guia, a favela como atrativo ganha destaque especial, como a Edição de novembro de 2015, que traz uma reportagem sobre trilhas na favela da Babilônia no apartado “Não deixe de ver”.

Já na página oficial da internet da Riotur, as favelas aparecem na seção de atrativos turísticos “O que fazer”, na parte determinada “Ao ar livre”, destacando informações de algumas trilhas e da estátua do artista Michael Jackson no Santa Marta. Importante pontuar que as favelas não são mencionadas na parte “Cultura e Arte”. No apartado “Rio Especial”, onde são enaltecidos aspectos da cultura da cidade como o samba, a feijoada e os blocos de rua, as favelas aparecem como coadjuvantes quando são citados os bailes funk, já que são divulgados bailes itinerantes e voltados para o público de classe média e alta como o Baile da Favorita e a festa Eu Amo Baile Funk. As favelas também não são mencionadas no “Rio Imperdível” onde aparecem locais tradicionais do turismo carioca como Corcovado, Pão de Açúcar, Jardim Botânico e Maracanã.

4. AVANÇOS NO MAPEAMENTO DAS FAVELAS CARIOCAS

4.2 PROGRAMAS DE INCLUSÃO DE INICIATIVA MUNICIPAL E POPULAR

É interessante apresentar que existem iniciativas populares e oficiais de mapeamento e informação de favelas em curso na cidade. Alguns dos exemplos pesquisados procuram reunir os dados de maneira colaborativa, com a participação direta dos cidadãos, como no caso da Maré citado anteriormente.

No Rio, o centro de referência de dados e conhecimento da cidade é o Instituto Pereira Passos (IPP), que atualmente assume as atividades de planejamento urbano, produção cartográfica e estatística da cidade. O Catálogo de Programas de Inclusão da Prefeitura do IPP apresenta os programas, projetos e ações implementados pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, com o objetivo de ampliar a inclusão social, política, econômica e cultural principalmente das parcelas mais vulneráveis da cidade. Dentre eles, dois se dedicam à inclusão das favelas nos mapas oficiais e naqueles de acesso digital para os moradores da cidade:

O Mapa participativo da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, é um aplicativo desenvolvido pela própria Diretoria de Informações da Cidade (DIC) do IPP, que possibilita aos cidadãos em geral informar a localização de estabelecimentos, equipamentos urbanos e rádios comunitárias. O usuário encontra no mapa digital o local onde deseja incluir um equipamento e descreve algumas informações básicas como endereço, o horário de funcionamento.

Com o objetivo de ampliar a participação das favelas no Mapa Participativo da cidade, o IPP iniciou um trabalho que abrange inicialmente as chamadas “favelas pacificadas” e iniciou este processo em agosto de 2014 em Manguinhos (por iniciativa de seu Conselho Comunitário) com a expectativa de incluir todas as favelas pacificadas até 2016.

No Mapa Participativo nas áreas delimitadas como favela, os logradouros não aparecem delimitados como em outras áreas da cidade e têm assinaladas apenas algumas ruas principais de seu interior. Não foi possível encontrar atualmente nenhum equipamento assinalado dentro das delimitações das favelas, mas apenas no seu entorno imediato, como se pode observar na imagem a seguir.

Mapa Participativo da Cidade do Rio de Janeiro

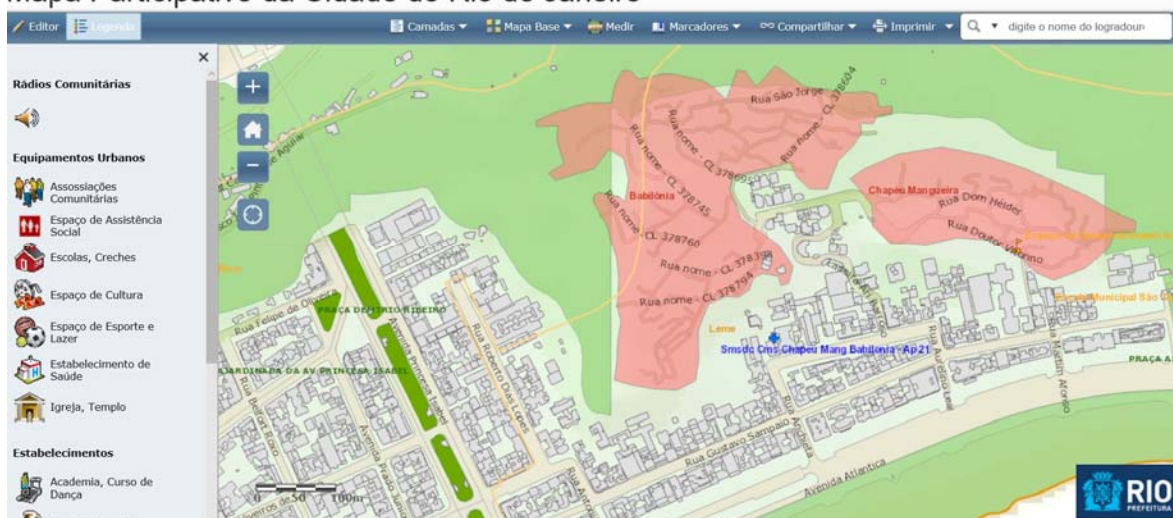


Figura 5 - Mapa participativo da Cidade do Rio de Janeiro. Em destaque as favelas da Babilônia e Chapéu Manguzeira, zona sul do Rio de Janeiro. Fonte: <http://www.arcgis.com/home/item.html?id=64b54cbc5a76401d977f14ecc863fa31>, 2016.

Outro projeto do Instituto é o Mapeamento de logradouros de Favelas, parceria do IPP e o Rio+Social. Esta iniciativa iniciada em 2012 tem como objetivo mapear e incluir os logradouros das favelas na cartografia oficial da cidade. Através do georreferenciamento dos

logradouros, estes passam a ser incluídos nas bases de pesquisa da prefeitura através do portal de informação Armazém de Dados, desenvolvido igualmente pelo IPP. Para o Instituto esse trabalho consiste em:

Uma importante iniciativa no sentido da inclusão das favelas, tanto em relação à gestão da informação para planejamento de políticas públicas e intervenções nas mesmas quanto pelo reconhecimento pelos moradores dos seus espaços de vivência como parte integrante na cartografia da cidade.” (Catálogo de Programas de Inclusão da Prefeitura do IPP).

Fora do âmbito oficial, existem outras iniciativas de reconhecimento desses espaços como a do grupo AfroReggae em parceria com o Google que criou uma plataforma social denominada “Tá no Mapa”. O objetivo é mapear as favelas que não aparecem no *Google Maps*.

Mais do que inserir as comunidades no mundo digital e nos mapas oficiais da cidade, queremos promover a cidadania, o crescimento do mercado local e o acesso a serviços públicos. Parada de Lucas, Caju, Vidigal, Rocinha e Vigário Geral já foram mapeadas. Babilônia, Cantagalo, Chapéu Mangueira, Pavão-Pavãozinho, Santa Marta, Tabajaras e Cabritos estão sendo mapeadas. Mas esse é só o começo. A ideia é levar o Tá no Mapa para todas as regiões em que o AfroReggae tem sede e, até mesmo, para outras cidades. (tanomapa.org, 2014)

Uma ação principal demonstrada no documentário “Todo mapa tem um discurso” é a criação da plataforma colaborativa denominada Wikimapia. A Geógrafa e diretora executiva Natália Aiserngart Santos explica que o projeto consiste num mapa colaborativo de pontos de interesse público em áreas marginalizadas. Idealizado pela Rede Jovem, o projeto iniciou em 2009 e envolveu cinco comunidades cariocas e a iniciativa chegou até São Paulo, no Capão Redondo. Segundo os idealizadores do projeto um dos objetivos era criar outros mapas além dos mapas da violência e da criminalidade, aspectos frequentemente analisados na periferia e favelas das cidades (VALLADARES, 2005). Segundo Natália Santos, a intenção era produzir inclusão social através do mapa: “A ideia não é fazer um mapa da favela, mas inserir a favela no mapa”.

4.2 INICIATIVAS RELACIONADAS AO TURISMO

No que diz respeito ao Turismo, a Prefeitura da cidade através da Riotur juntamente com o Sebrae, desenvolveram o Guia de Bolso das Favelas – Rio, onde apresentam as comunidades da cidade como uma opção turística fora dos aspectos comumente procurados:

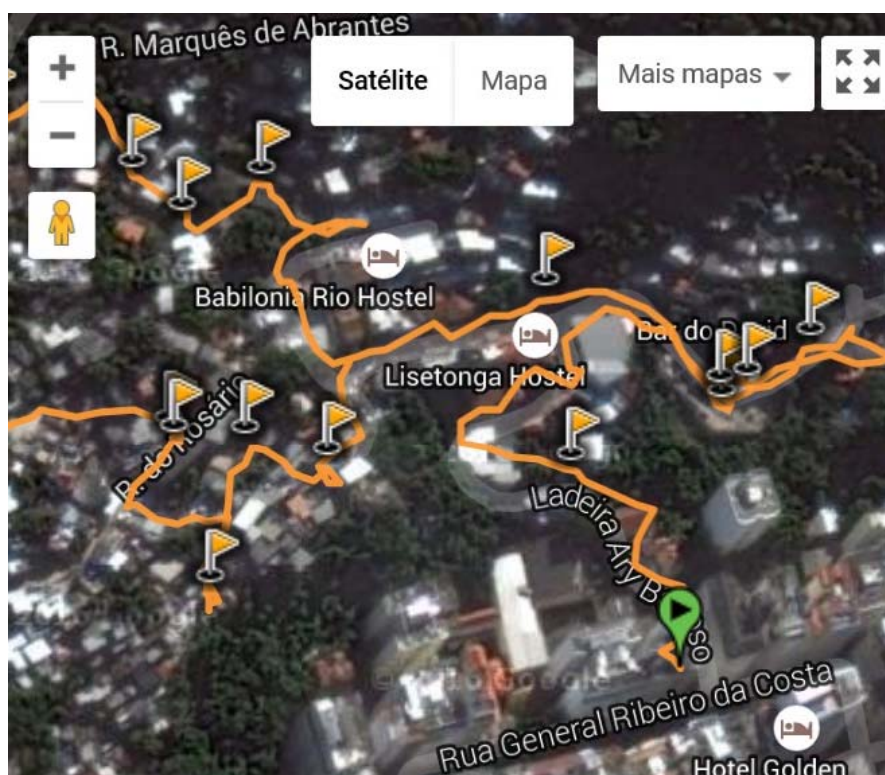
Constantemente associado às praias de areias claras, o Cristo Redentor ou o Pão de Açúcar, o Rio mostra que tem muito mais para oferecer. Entre montanhas e o mar, este belo casamento único do Rio, podemos ver as comunidades: grandes aglomerados de casas feitas de tijolos e pessoas. (Guia de Bolso das Favelas – Rio, 4)

O Guia apresenta onze comunidades e ainda o Complexo da Tijuca. No geral, os temas abordados para todas as comunidades são: uma lista de guias e condutores, pontos de interesse, onde comer, se hospedar além dos eventos e atividades de cada comunidade.

O material foi desenvolvido a partir de um mapeamento que uniu especialistas em turismo com a ajuda de empreendedores locais. Em entrevista à revista Hotel News a analista do Sebrae-RJ, Fabiana Xavier, explica que há uma grande procura desses roteiros pelos turistas estrangeiros, motivo pelo qual as informações aparecem também escritas em inglês. Segundo a analista, o turista estrangeiro procura sentir-se imerso na cultura e modo de vida locais: “São visitantes interessados na cultura local e em experimentar a rotina de um morador” (<http://www.revistahotelnews.com.br>, 2014).

As atrações turísticas são apresentadas por um mapa onde aparecem representados os pontos de “atração”, numerados e listados. O mapa de cada favela acompanha um QR Code³, que dá acesso ao mapa digital da favela.

³ Código em duas dimensões, tal qual um código de barras, que pode ser lido e interpretado ao ser escaneado por um aparelho com câmera fotográfica, como os atuais aparelhos celulares. “Esse código, após a decodificação, passa a ser um trecho de texto, um link e/ou um link que irá redirecionar o acesso ao conteúdo publicado em algum site” (PRASS, 2011).



Figuras 6 e 7 – Imagens da Favela Babilônia – Chapéu Mangueira. Fonte: Guia de Bolso de Favelas Rio, 2014., p. 07 e 08.

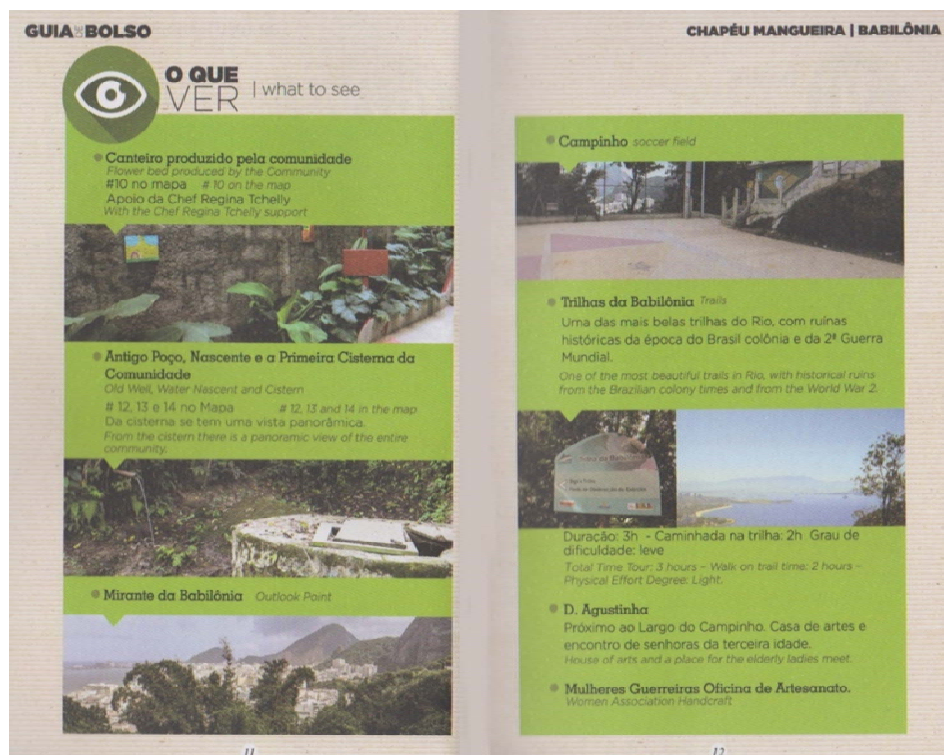


Figura 8 – Pontos turísticos da Favela da Babilônia – Chapéu Mangueira. Fonte: Guia de Bolso de Favelas Rio, 2014, p. 11 e 12.

Acredita-se que o crescimento do turismo em favelas cariocas nos últimos anos, assim como a busca pela localização e mapeamento de seus pontos de interesse, em certa medida, contribui para a representação desses espaços da cidade. Nesse caso, a atividade turística pode colaborar com a geração de informações. A criação do Guia de Bolso das comunidades reforça um interesse por parte da Riotur em divulgar as favelas.

No entanto, nota-se que no *site* da instituição, quando mencionados todos os atrativos turísticos da cidade, as favelas são, em certa medida, preteridas. Em linhas gerais, as favelas ainda são tratadas a partir de uma referência ao exótico, “diferente”, reforçando, ainda, a polarização asfalto e favela, formalidade e informalidade.

5. CONSIDERAÇÕES

A ausência das favelas acontece nos mapas urbanos e também nos turísticos. Conforme analisado, há um progresso em relação à geração de informações sobre esses espaços através de iniciativas oficiais e populares. Importante ressaltar que tais informações inicialmente são encontradas virtualmente, e, muitas vezes, demoram a chegar nas mídias impressas.

Um fator relevante é que tais iniciativas da municipalidade acabam por recorrer às

comunidades para gerar informações, já que só estes conhecem detalhes específicos do território. No Guia de Bolso de Favelas, por exemplo, aparecem informações como o mapeamento e localização de pontos como a caixa d'água e hortas comunitárias; espaços dentro da favela de interesse e uso local.

Outra questão interessante percebida no guia é que as informações adicionais a serem vistas via QR Code que leva o usuário a um Google Maps distinto à página oficial, com uma riqueza de dados bastante superior ao Maps tradicional. Assim, o turista que tem acesso ao guia, possui uma quantidade/qualidade superior de informações em relação àquele sem acesso a esse material específico, ou seja, pelos meios usuais de pesquisa e referência. Assim, apesar do Guia representar um claro avanço em termos de mapeamento, a representação das favelas ainda sim é incipiente, pois se limita ao âmbito do turismo.

Por outro lado, apesar desta iniciativa beneficiar claramente a atividade turística em favelas, no sentido de ampliar o reconhecimento e auxílio do visitante nesses espaços, em certa medida, essa especificidade da informação que representa um segmento de mercado do turismo reforça o sentido de exótico, de “diferente”.

Mas, torna-se importante ressaltar que a presença do turismo nestes espaços, quando em mãos da própria comunidade, na interação turista-morador, poderia representar a construção e reconstrução das favelas, bem como de seus residentes, e reafirmação de sua cultura e resistência aos interesses diferentes àqueles locais, como coloca Freire-Medeiros

As “zonas de contato” são “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”, de onde paradoxalmente emergem possibilidades outras de representação de si e do outro. Pensar a favela que o turismo inventa como uma zona de contato permite-nos entendê-la como território físico e simbólico no qual camadas discursivas se acomodam em múltiplas representações: representações sobre a favela e seus habitantes formuladas pelos turistas, representações dos turistas formuladas pelos moradores, representações da favela formuladas pelos moradores para os turistas – numa espiral contínua de representações (Freire-Medeiros, 2007, p.69).

Nesse sentido, fica clara a importância das iniciativas recentes da representação da favela nos mapas urbanos não somente como forma reconhecimento destes espaços como territórios pertencentes à cidade (no que diz respeito à de seus direitos urbanísticos), e ainda como instrumento de preservação da memória coletiva e fortalecimento da representatividade de seus moradores ressaltando a sensação de pertencimento:

Eu acho que quando o morador ele conta a sua história, ele passa a se reconhecer enquanto morador dessa região e passa a valorizar sua identidade e quando quem vem de fora vê e escuta, também passa a ter um novo olhar para a região, passa a ter um olhar mais manso, não um olhar de discriminação. (João Batista, morador da Maré. Informação verbal. Documentário Todo Mapa tem um discurso, 2014)

A preservação da memória coletiva e a fortalecimento da representatividade dos moradores das favelas são ainda insumos para o enriquecimento da atividade turística desenvolvida nestes espaços, bem como a promoção de um turismo mais consciente em relação a estes territórios e seus habitantes.

BIBLIOGRAFIA

Bastos, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: Rumos da arquitetura brasileira*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2003.

Freire-Medeiros, Bianca. *Gringo na laje: produção, circulação e consumo na favela turística*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

_____. A favela que se vê e se vende: Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, nº 65, 2007.

_____. A construção da favela carioca como destino turístico. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

Rezende, Vera. "Planos e regulação urbanística: a dimensão normativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro." In: Oliveira, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: História e desafios*, org. Lúcia Lippi, 256-281. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

Riotur – Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro. *Revista Guia do Rio*. Edição 29, 2015.

_____. *Guia de Bolso das Favelas*. Rio de Janeiro, 2014.

VALADARES, Lícia do Prado. *A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias in ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PICON, Antoine. *Digital Culture in Architecture, an introduction for design professions*. Basel: BIRKHAUSER, 2010.

Visit Rio. www.visit.rio. Acesso em 29/05/2016.

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/05/entenda-o-que-sao-os-qr-codes-codigos-lidos-pelos-celulares.html>. Ronaldo Prass, 2011. Acesso em 23/05/16.

<http://oglobo.globo.com/rio/guia-de-bolso-para-visitantes-de-favelas-com-upps-sera-lancado-na-feira-do-empendedor-14622000>. Acesso em 23/05/16.